

Esporte: um direito do cidadão ou ópio do povo?

A virada física do calendário leva a supor que tudo mudou. Arranca-se da porta do armário aquela folha velha e desbotada por tantas consultas e substitui-se por uma nova dando a impressão de que a vida começa do zero

Katia Rubio (*)

Enquanto alguns se enganam com essa perspectiva de tempo linear, de fim de uma coisa e começo de outra, outros, um pouco mais cautelosos e adeptos de uma perspectiva cíclica, entendem que o passado permanece vivo. Por isso guardam folhinhas e agendas passadas porque nelas há sempre um lembrete, um recado que pode, no futuro, representar a salvação num momento de apuro. As palavras comumente presentes no ritual da folhinha são o sempre e o nunca, acompanhadas de um suspiro, meio de esperança, meio de desgosto, com o pensamento “esse ano vai ser diferente”.

Nunca é tarde para lembrar que a esperança foi a única coisa que restou dentro da caixa repleta de desgraças tão humanas que Zeus, o maior do Olimpo, deu de “presente” a Pandora, como forma de retaliar Prometeu, que havia compartilhado o fogo sagrado entre os humanos. Resta saber o quanto dura o para sempre. Ou como cantou o poeta “se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar, que tudo era pra sempre, sem saber que o pra sempre, sempre acaba”.

Assim parece ter começado o ano de 2019. Entre um suspiro de esperança e outro de desgosto resta o desejo de um ano diferente. Mudanças no governo federal e estadual. Novo congresso, novos ministérios, acompanhados de alguns velhos problemas que insistem em fazer parecer que o ano tem mais do que 365 dias. Ou seja, 2018 será o ano que não acabou, o referencial de pra sempre, muito embora neste ano tenhamos Jogos Pan-americanos, uma competição cara aos brasileiros e brasileiras.



Professora Katia Rubio.

Acostumados a resultados expressivos nessa competição americana atletas e amantes do esporte precisarão, desde já, conter as expectativas e a ansiedade por resultados. Diferentemente das edições que se sucederam desde o Pan de 2007, no Rio de Janeiro, há pouco o que se esperar diante do cavalo de pau dado no carro do esporte brasileiro. Durante o ano que passou anúncios de forma sutil foram aos poucos indicando que o esporte deixou de ser prioridade.

O menor dos ministérios da Esplanada, que em 2017 representava 0,48% do orçamento foi ainda reduzido em 87% para o ano de 2018, embora a inflação do período tenha sido de 2,5%. Com um orçamento de R\$ 1,38 bilhão, em programas de esporte foram gastos R\$ 144 milhões. Outros R\$ 128 milhões foram para “pagamentos administrativos” (salários, pensões, aluguéis etc). O restante de recursos gastos, mais de R\$ 645 milhões, foram de dívidas de anos anteriores, ou seja, quase o quádruplo de recursos específicos para o esporte em 2018.

Previsão de sua extinção ali também estava indicado que politicamente não se deveria mais gastar trunfos e energia com um tema que estava mais para as páginas policiais do que para os velhos e bons cadernos de esporte que dedicavam páginas e páginas na cobertura de treinos, competições, história de vida de atletas e análises técnicas variadas.



A queda em desgraça de um direito constitucional levou consigo toda uma história de conquistas que culminou em resultados expressivos na educação, em competições e na multiplicação da prática de diferentes culturas corporais de movimento. Diferentemente das edições que se sucederam desde o Pan de 2007, no Rio de Janeiro, há pouco o que se esperar diante do cavalo de pau dado no carro do esporte brasileiro

Um dia alguém anunciou que nunca antes na história desse país o esporte seria o mesmo. De fato, depois de experimentar a altura de um voo panorâmico será preciso se acostumar a rastejar ao rés do chão buscando tocas onde se esconder dos escombros que ainda caem de uma estrutura desfeita à marreta. Com a extinção do ministério do esporte, dos benefícios criados para favorecer uma base sólida de atletas jovens e de uma estrutura que entendia o esporte como uma prática acessível resta a disposição para reencontrar o lugar de pertencimento de um direito constitucional.

Ele já esteve aos cuidados do ministério da educação, da educação e cultura, já foi secretaria especial e mesmo assim sobreviveu, não como direito, mas como necessidade. Uma necessidade tão latente que chegava a ser anunciada como vício que demandava o ópio. Infelizes os ignorantes que pouco ou nada sabem sobre o esporte e o tratam apenas como um vício ou espetáculo.

Aos que o tratam como vício falta o conhecimento sobre uma experiência que se inicia muito cedo na existência dos seres humanos, ainda de forma lúdica, e que pode vir a ser um meio de distinção, não apenas social, mas acima de tudo humano. Porque essa prática proporciona em quem a experimenta o poder da transcendência e do limite da humanidade, seja na conquista de uma marca nunca antes atingida, seja na realização de um gesto perfeito, divino.

Banalizam a existência de um fenômeno de massa porque, ainda que manipulável em algumas ocasiões ele não o será para sempre. Qualificam-no como ópio do povo por desconhecerem sua potência educativa, que, no limite, também transforma a sociedade. Inclassificável também é a postura de quem o toma apenas como espetáculo. Embora suscite a emoção da audição de Summertime, no contexto de Porgy and Bess, ou de We are the champions, num concerto no Estádio de Wembley, nada substitui a intensidade da expressão facial do vitorioso ou o clima de um match point.

Nenhum espetáculo é mais humano do que a inclassificável emoção da derrota, essa sim demasiadamente humana. Espectáculos são produzidos e manipulados conforme convém

ao produtor. O esporte obedece a regra da excelência e da superação. Por isso escapa à compreensão de burocratas. Por isso não cabe em uma sala no fundo do corredor de algum ministério que não seja dedicado apenas a ele para onde o esporte brasileiro foi enviado no início desse ano.

O que resta é acreditar na condição cíclica do tempo. Um dia tudo isso aconteceu e por determinação de uns, insistência de outros e a crença cega na importância disso para si, mas principalmente para as gerações futuras, atletas e modalidades esportivas sobreviveram à escassez de recursos e à falta de respeito por parte de políticos e dirigentes.

A ação desses abnegados, assim como a esperança na caixa de Pandora, segue registrada, menos na história dita oficial e muito mais nas narrativas de atletas que guardam em suas memórias o reconhecimento pelo esforço em



manter viva a chama de um fenômeno educativo e social chamado esporte.

O esporte é sim para todos e também para alguns mais habilidosos, por isso ele é democrático. E como direito ele deve permanecer na pauta política do país, reclamando por verba e políticas.

(*) - É professora associada da Escola de Educação e Esporte da USP, psicóloga e membro da Academia Olímpica Brasileira (Jornal da USP).



Estação 45

<p>Almoço Segunda a Sábado das 11h30 às 15h</p> <p>Nosso Bufê possui grande variedade de saladas, frutas e os mais deliciosos pratos quentes e frios.</p> <p>Música ao vivo aos Sábados</p>	<p>Noite Quarta a Domingo a partir das 18h</p> <p>Divirta-se com seus amigos em nosso Happy hour ou traga sua família para experimentar uma de nossas massas ou pizzas mais saborosas da região.</p>
<p>Delivery (quarta a domingo, das 18h às 23h30) 5575-9224 / 5571-3369</p>	
<p>Rua Dr. Neto de Araújo, 45 - Vila Mariana www.estacao45.com.br</p>	